SOCIEDADE EM RISCO E O PARADIGMA CAPITALISTA: o surgimento de novos desafios para administração pública.

Rodrigo José Lima Almeida[1].

RESUMO

Em virtude de diversas transformações de natureza política, social e econômica a sociedade contemporânea tem sido abalizada por constantes riscos. É necessário compreender, que o desenvolvimento desacerbado, atrelado ao fortalecimento de uma cultura individualista, refletem dentre outros fatores, para uma tendência mundial, cuja promoção das desigualdades e crescimento dos riscos sociais é característica. Neste trabalho, procura-se apresentar conceitos, atributos e considerações sobre os riscos eminentes e emergentes que norteiam a sociedade e sua relação com paradigma capitalista, tendo como foco direcionador da pesquisa o panorama social e as diversas alterações no cenário econômico-ambiental, decorrentes do desenvolvimento de uma cultura movida pela absorção da riqueza. Trata-se de uma pesquisa norteada pela análise histórica e descritiva, tendo como alternativas de compreensão, estudos de situações cotidianas, divulgadas em periódicos sobre essa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade; Capitalismo; Risco; Paradigma; Meio Ambiente.

ABSTRACT

Due to several changes of political, social and economic contemporary society has been authoritative by constant risk. You must understand that the development desacerbado, tied to a stronger individualistic culture, reflecting among other factors, to a worldwide trend, which promote the growth of inequality and social risks is characteristic. This work aims to present concepts, attributes and considerations leading and emerging risks that guide the society and its relationship with the capitalist paradigm, focusing on the research director of the social landscape and the various changes in the economic, environmental, resulting from development of a culture of rich absorption driven. This is a search guided by historical analysis and descriptive, with the alternative of understanding, studies of everyday situations, published in journals on this topic.

KEYWORDS: Society, Capitalism, Risk, Paradigm, Environment.

[1] Mestrando em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, Especialista em Administração Pública pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Analista Universitário no Departamento de Educação Campus XIII da Universidade do Estado da Bahia- UNEB.

INTRODUÇÃO

Na sociedade atual tem sido uma constante as alterações dos cenários: social, político e econômico. A presença cada vez mais frequente dessas mudanças tem elevado o surgimento de diversos riscos, que de certa forma, vem ocasionando diversos conflitos. O capitalismo, principal doutrina que move as relações sociais tem, frequentemente, sido questionado quanto a sua filosofia, já que é crescente o índice de desigualdades e riscos sociais.

Em ambientes onde se discute com frequência diversos temas que não são comuns as relações sociais, o constante aumento de crises no mundo contemporâneo vem modificando o cenário existente, permitindo a elevação de discussões sobre temáticas até então pouco debatidas, como as crises mundiais. A formação desse novo panorama passa pelo fortalecimento de perguntas que emergiram no contexto político-social, caracterizado por questionamentos fortes, complexos e imediatos e com respostas eminentemente simples, imprecisas e incompletas.

Não obstante os fatores decorrentes das ideologias capitalistas que marcam a sociedade, outro fator de risco tem surgido na mesma proporção, a crise ambiental. Os danos ambientais causados pelas engenharias, as catástrofes climáticas e o saqueamento incontrolado dos recursos naturais são fenômenos que remetem ao paradigma dominante, diversos questionamentos.

O modelo capitalista de forte valorização do capital predomina desde o início da revolução industrial, sendo sinônimo de dúvidas constantes e, para muitos, o principal fator para a ocorrência de catástrofes mundiais. O cenário formado, com a presença de diversos problemas, associa-se a esse paradigma, uma vez que as ameaças produzidas, além de não serem amplamente publicizadas, estão sendo indevidamente exploradas e/ou debatidas, de tal forma que os conflitos de opinião pública e troca de ideias políticas tem perdido o foco, legitimando ações que são de outra natureza, fazendo emergir, portanto, novos desafios para a administração pública.

Esse novo contexto requer ações e alternativas com características imediatas, precisas e efetivas. A administração pública enquanto instrumento de transformação político-social, depara-se, portanto, com o surgimento de diversos desafios com tipicidade abrangente, global e de rápido crescimento. As reflexões apresentadas neste trabalho mostram que os atuais riscos, possuem decorrências ora pouco debatidas outrora com questionamentos indevidos. A crescente ameaça por catástrofes do ponto de vista financeiro, social, político e ambiental vem alertando as sociedades da necessidade de se buscar novas respostas para dúvidas que até então não possuem soluções.

SOCIEDADE EM RISCO

Com o aumento da globalização e as inúmeras transformações de natureza social presenciadas no mundo, à acepção da palavra sociedade ganhou diversos significados, sendo popularmente conhecida como uma forma coletiva de se relacionar, compartilhar gostos, costumes e preocupações, objetivando a realização de determinadas ações em prol da coexistência e do convívio social. Em caráter similar aparece à definição de risco que em algumas linhas do conhecimento pode ser atribuído a coisas de natureza ruins ou formas e oportunidades para se alcançar determinados objetivos. Na atual conjuntura a caracterização do termo risco é feita por Bosco (2011) atribuindo à palavra o significado de algo direcionado a eventual autodestruição da vida sobre a terra, o que, consequentemente, dá lugar a uma

situação de conflito social, cuja ameaça é global. Bosco cita como exemplo da nomenclatura risco: a cisão do átomo e a estocagem de lixo nuclear.

> No sentido de uma teoria social e de um diagnóstico de cultura, o conceito de sociedade de risco designa um estágio da modernidade em que começam a tomar corpo às ameaças produzidas até então no caminho da sociedade industrial. (Beck, 1997, p. 17).

Analisando conjuntamente os termos entende-se sua correlação com os fenômenos emergentes, já que as palavras: sociedade e risco caminham sistematicamente juntos e aparentemente indissociáveis, dados os fenômenos que vem ocorrendo.

> A teoria da sociedade de risco mundial vai além do dualismo entre sociedade e natureza, concebendo essa relação por meio de vínculos de reciprocidade e numa lógica de imputação causal eminentemente sistêmica e dialética. É como se da "interiorização cultural" da natureza a sociedade passasse a ver a si mesma (também) como um processo natural. (Bosco, 2011, p. 167).

As peculiaridades que norteiam a sociedade, caracterizada pela constância de fatores prejudiciais ao andamento eficaz das relações sociais, a exemplo das desigualdades; do desemprego estrutural e extinção do emprego para a vida recaem sobre velhos conceitos de segurança e certeza típicos do paradigma capitalista. Cronologicamente, a incidência das formas de coletividade é marcada por interesses e vontades sociais fracas, aspecto esse que modificaram com o incremento da democracia e da revolução cientifica e tecnológica, que proporcionaram o surgimento de um novo contexto social, questionador e sabedor de suas ideologias.

> O que marcou o desenvolvimento teórico da sociedade de risco foram, sobretudo, aprofundamentos, diferenciações e precisões conceituais. É claro, e isso facilmente se percebe que houve também a elaboração de um verdadeiro arsenal de novos conceitos. (Bosco, 2011, p. 167).

Com as alterações existentes, nasce uma nova sociedade onde a sustentabilidade perpassa pela modificação do paradigma dominante. O aspecto econômico, ambiental e social precisa ser abordado conjuntamente e de maneira cíclica, de modo a possibilitar a redistribuição de riquezas, diminuição das ameaças ao ambiente e redução das disfunções sociais. Na era do conhecimento a sociedade de risco necessita: disponibilizar, qualificar e aprimorar valores como a educação.

As grandes mudanças sociais transformaram os valores e concepções que marcavam a sociedade, de certa forma induzida pelo aspecto tecnológico-inovador advindo com as acepções capitalistas. Segundo Bosco (2011) a radicalização dos princípios básicos da modernidade re-significa, reinventa e emerge a criação de novas formas de vida, desencadeando descontinuidades na continuidade da modernidade. Para ele, na medida em que a sociedade consegue reconhecer social e culturalmente os danos que a modernidade exerce sobre ela, a teoria social passa a estar culturalmente em oposição à natureza, concebendo dessa forma um vínculo de reciprocidade numa lógica em que a sociedade passa a si ver como um processo natural.

As macrotendências mundiais, tanto da economia quanto das relações de poder: Governo, Organizações Privadas e Sociedade permitem traçar um novo paradigma para as sociedades de risco. A nova concepção perpassa pela inversão das relações de poder, deixando de lado à predominância da economia capitalista, cujo foco é a obtenção do lucro,

para uma ideologia onde os fatores ambientais, econômicos e sociais convivem precipuamente de maneira recorrente e continua, em que a hierarquia dessas relações é controlada pelos indicadores da coletividade, cujo interesse é o social.

O PARADIGMA CAPITALISTA

Em meados do século XVIII, emergiu através da Revolução Industrial uma série de mudanças de caráter tecnológico que proporcionaram a nível econômico e social grande impacto. Dentre os diversos acontecimentos, solidificou um modelo de sociedade baseado em ideologias e acepções voltadas para a riqueza/capital. A doutrina capitalista ganhou popularidade e força, tendo desde sua origem diversos momentos marcados por inconstâncias e riscos sociais.

Para Catani (1999) a doutrina capitalista cristaliza-se pela aplicação de um modo de produção caracterizado pela idéia de que o importante no mundo é a promoção do trabalho como fonte de criação da riqueza e, complementa, afirmando que essa "iniciativa" configurou o homem moderno, capaz de voltar-se para o acúmulo de capital não para seu próprio desfrute, mas sim para propiciar mais riqueza.

O capitalismo trouxe para a sociedade a especificação do trabalho, exclusão social, individualismo e massificação do desemprego, contribuindo para a elevação de riscos sociais e ambientais, colaborando para a formação de um cenário baseado em constantes colapsos e incertezas. Seu desenvolvimento na sociedade moderna é marcado por crescentes crises, que para muitos são cíclicas e frequentes, característico desse tipo de modelo. No entendimento de Bosco (2011), com o desenvolvimento da sociedade moderna, cada vez mais o risco foi objeto de cálculo, notadamente com o surgimento do capitalismo industrial. Sua inscrição na lógica de benefícios e prejuízos não recai no binarismo de "lucros e custos" porque diz constitutivamente respeito a relações mutuamente determinadas entre passado, presente e futuro, e deste modo tem muito mais a ver com incerteza que com certeza.

Max Weber (1946) já contextualizava o progresso capitalista e sua perspectiva de futuro. Para ele, a América experimentaria em processo futuro o paradigma do capitalismo, embora afirmasse que esse fato somente aconteceria após o esgotamento de toda a terra livre e com a diminuição da pulsação econômica dos países. Weber afirma que não obstante, os efeitos advindos do poder capitalista são tão fortes que mais cedo ou mais tarde, estimularia o desenvolvimento de monopólios.

A essência desse modelo de dominação é marcada pela instabilidade, sobretudo por causa de diversas guerras de caráter fiscal e de colapsos nos ativos, devido ao excesso de endividamento das grandes economias. Suas suposições básicas é findada na maximização do bem estar humano, a partir do crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), do crescimento econômico e da utilização dos recursos ambientais.

Para Bosco (2011) com o desenvolvimento do capitalismo industrial, os riscos, bem como os contratos de risco, inevitavelmente acabaram se estendendo por praticamente todos os problemas da vida social. Sendo um dos fatores primordiais para o fortalecimento de acontecimentos trágicos do ponto de vista social.

Para os adeptos ao capitalismo, a obtenção do lucro está acima dos valores sociais, não importando para tanto como se deu o andamento das ações/atividades que culminaram na conquista da riqueza. Conforme interpretação de Max Weber o objetivo central do capitalismo é, sempre e será em todo o lugar, aumentar a riqueza alcançada, aumentar o capital. E através desse processo de enriquecimento constituirá uma figura de cidadão que está "predestinado". Nessa perspectiva, torna-se inevitável o surgimento de diversos problemas da vida social, já

que os conflitos, as disputas e as técnicas para obtenção do lucro são as mais diversas possíveis, não levando em consideração os possíveis atenuantes da vida em sociedade.

SOCIEDADE EM RISCO: O PARADIGMA CAPITALISTA E OS RISCOS AMBIENTAIS.

Rotineiramente, os diversos veículos de informação, mostram vários incidentes proveniente de riscos ambientais. O crescimento desacerbado, a produção em larga escala e o não controle dos processos produtivos contribuem para dentre outros fatores alavancarem a ocorrência de desastres na natureza. A crise ambiental é uma agravante frente os riscos sociais. Os danos no ambiente causados, sobretudo, pelas engenharias, além de catástrofes climáticas e "saqueamento" incontrolado dos recursos naturais são fatos que além de remeter dúvidas sobre a predominância do paradigma dominante, mostram que a sociedade atual convive à beira de catástrofes de diversas proporções.

De acordo ao levantamento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, em seu relatório do Programa Internacional para o futuro, dentre os fatores substanciais para o desenvolvimento humano o aspecto mais crítico são os impactos e ações decorrentes do ambiente.

Segundo estudo da OCDE as principais ameaças são:

1. Catástrofes naturais, acidentes tecnológicos (ou industriais), doenças infecciosas, segurança alimentícia, e terrorismo.
2. Globalização sob todos os aspectos – econômico, tecnológico, cultural, ambiental – está crescendo rapidamente e ampliando a interdependência, de tal modo que vírus perigosos, poluentes e falhas técnicas tenham mais facilidade em se espalharem.
3. Sistemas vitais suscetíveis: saúde, transporte, energia, abastecimento alimentar, água, informação e telecomunicação, todos são exemplos de setores com interdependência.

O contexto contemporâneo, marcado pela presença de inúmeros desastres ambientais, associa-se ao paradigma capitalista, uma vez que as ameaças produzidas não estão sendo publicizadas e/ou sendo exploradas e debatidas indevidamente, subtraindo idéias e formação de opiniões destinadas a responder a complexidade das perguntas que permeiam o mundo. A forma regionalizada de tratar os acontecimentos não é mais válida na sociedade globalizada. A crescente instabilidade climática e ecológica com impactos nos recursos naturais e o esgotamento da natureza abrem agenda para o surgimento de atenuantes conflitos sociais pelo domínio dos recursos naturais.

Para Santos (2007), vivemos num tempo de perguntas fortes e de respostas fracas. Considera que as perguntas fortes são as que se dirigem não apenas às nossas opções de vida individual e coletiva, mas, sobretudo às raízes, aos fundamentos que criaram o horizonte das possibilidades entre que é possível optar. São, por isso, perguntas que causam uma perplexidade especial, já as respostas consideradas fracas são as que não conseguem reduzir essa perplexidade e que, pelo contrário, podem aumentar. As perguntas e as respostas variam de cultura para cultura, de região do mundo para região do mundo.

Fundamentalmente o cenário formado na era do conhecimento é pautado pela presença de diversos fatores que geram incertezas quanto ao futuro. A partir do encontro das

abordagens teóricas e ideológicas do modelo capitalista, verifica-se a contextualização de um paradigma com ocorrências e fenômenos que são facilmente diagnosticados, mas que até então não são resolvidos, gerando expectativas e indefinições sobre o que está por vir.

Dados comprovam que os profundos conflitos são representados por diversos questionamentos cada vez mais fortes e com respostas claramente insuficientes. A ausência de coletivismo, a falta de debates, diálogos e fomentação de novas ideias remetem o caráter culturalmente individualista, inserido pela modelo capitalista de sociedade. A preponderância do capital sobre o social aponta para o crescimento da incompreensão entre os povos, fato este que tem sido disseminado por meio da aprendizagem especializada, sem preocupação com os acontecimentos que permeiam o convívio intersocial.

Desde que o paradigma capitalista foi concebido, implantado e reconhecido, que as informações indicam que se trata de um modelo marcado por profundos questionamentos e crises cíclicas. Historicamente, sua essência tem sido desenvolvida a partir de soluções imprecisas, imediatas e atenuantes, que de modo geral não provocam a devida solução dos fatos. O crescimento interminável de desigualdades sociais, onde a maioria das riquezas concentra-se sobre o poder de poucos, contribuem significativamente para o desenvolvimento de outros colapsos de nível político, ambiental e, sobretudo, econômico. Nessa perspectiva, aumenta a necessidade de promoção por alternativas com viés voltadas a sustentabilidade. A figura 1 retrata os diversos fatores que contribuem para a formação de um desenvolvimento sustentável, tendo como eixos norteadores a capacidade de crescimento e o direcionamento das ações.

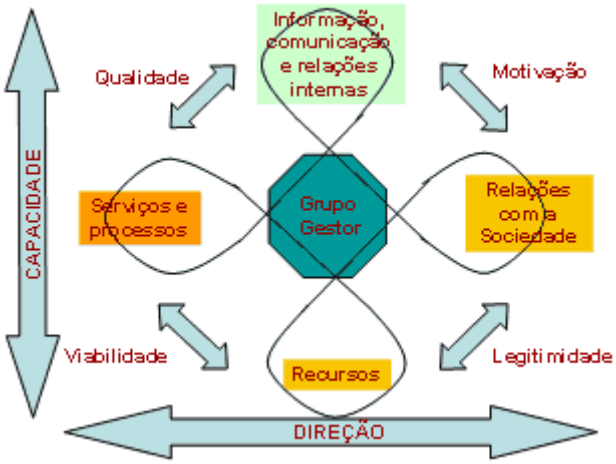

Figura 1 – Crescimento sustentável: o grande desafio
Fonte: Blog sustentabilidade

Pode-se perfeitamente identificar nesse contexto de instabilidade, ausência de políticas sustentáveis e crises sociais que os debates e articulação de ideias objetivando a transformação do contexto atual, ainda são tímidos. Para muitos, a continuidade e ampliação dos riscos sociais fazem parte do contexto e concepção da doutrina capitalista, o que por si só é visto com normalidade. A não observância do modo de vida das pessoas e outros fatores responsáveis pela harmonia social e ambiental têm proporcionado um clima de instabilidade, insegurança e incertezas acerca do futuro. Definitivamente, vivemos em um planeta de mutações, onde a crise financeira, política e social, atrelado a catástrofes naturais, acidentes tecnológicos, doenças infecciosas, segurança alimentícia e terrorismo fazem parte do cotidiano da sociedade vigente.

Segundo dados da OCDE, utilizando como parâmetro o ano de 1990, a aplicação dos recursos da sociedade para diminuição da poluição, tanto da esfera pública quanto privada, não chegaram nem a 50% (cinquenta por cento), levando em consideração os recursos substanciais a vida humana.

Como situação concreta e atenuante é quanto à maneira como a sociedade tem agido frente à eminência dos riscos sociais. As ações da esfera pública e privada caracterizam-se por serem insignificantes. Tal manifestação decorre de certa forma pela formação de uma cultura eminentemente capitalista que enxerga e pouco se manifesta frente às mutações que ocorrem no contexto social.

O PAPEL DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NA SOCIEDADE EM RISCO

Devido às inúmeras mutações eminentes e emergentes na sociedade do século XXI e dos constantes abalos do modelo dominante, que possui como peculiaridade a presença de diversos riscos sociais e ambientais, de natureza cíclica e por vezes contínua, a gestão pública passa a enfrentar desafios que outrora não se preocupava. Esse novo contexto requer dos administradores públicos, alternativas eficazes, eficientes e que produzam a esperada efetividade, sobretudo no que concerne a fomentação de políticas públicas destinadas a suprir e/ou amenizar os riscos e incertezas sociais.

Emerge, deste modo, não somente a natureza dos riscos considerados maiores, mas também todo o contexto no qual estes aparecem, e a capacidade como a sociedade tem gerenciado essa transformação. A eficácia ao gerenciar os riscos é evidentemente determinada não só por medidas protetoras específicas, como também por condições de trabalho estabelecidas para criar interação entre os diversos tomadores de decisão.

> Trata-se de uma crise profunda das instituições da sociedade industrial, cujas questões políticas em jogo são consideráveis. Fabricamos, de maneira industrial, perigos que são vez por vez exteriorizados no plano econômico, individualizados no plano jurídico, legitimados no plano científico e minimizados no plano político! (Beck, 2001, p. 376)

A administração pública responsável pela função política do Estado detém o poder de introduzir mecanismos ou ferramentas que permitam a mudança do panorama atual. Segundo Pereira (2003) os cidadãos estão tornando conscientes de que a gestão pública marcada pelo aspecto burocrático não corresponde às demandas que a sociedade civil apresenta aos governos no capitalismo contemporâneo. É exigido do Estado muito mais do que o Estado pode oferecer.

> A nova Gestão Pública trata de renovar e inovar o funcionamento da Administração, incorporando técnicas do setor privado, adaptadas às suas características próprias, assim como desenvolver novas iniciativas para o logro da eficiência econômica e a eficácia social, subjaz nela a filosofia de que a administração pública oferece oportunidades singulares, para melhorar as condições econômicas e sociais dos povos. (Garde, 2001 *apud* Marques, 2003, p. 221).

Essa modificação perpassa pelos gestores públicos, já que são os mitigadores das ações desempenhadas pelos órgãos públicos. Observa-se, destarte, que a redução dos riscos sociais, das catástrofes de natureza ambiental e do empoderamento da riqueza, por uma pequena minoria, são situações atenuantes e de difícil solução, uma vez que perpassam, sobretudo, por uma transformação no paradigma público vigente.

> A administração da coisa pública deve estar resguardada de todos os tipos de ilicitudes e irregularidades que possam provocar manchas na gestão dos dinheiros públicos, e, para tanto, há que ser dotada de um conjunto de instrumentos relacionados com a gestão desses fundos, que sejam utilizados para definir responsabilidades e também expectativas entre as partes interessadas, para que se possa conseguir os resultados que foram coletivamente pactuados. (Garde, 2001 *apud* Marques, 2003, p. 222-223).

Nessa perspectiva, Garde (2001) acredita que a gestão pública nesse contexto interdependente manifesta-se como instrumento ativo de tomada de decisão, uma vez que incorpora valores sociais, incorporando e promovendo a participação da sociedade civil nas decisões públicas. Permitindo desse modo, a incidência em ações práticas e concretas capazes de reduzir e/ou atenuar os riscos sociais.

> A gestão pública, portanto, e considerando o princípio econômico da escassez, em que as demandas sociais são ilimitadas e os recursos financeiros para satisfazê-las são escassos, deve primar pelo gestionamento adequado, eficaz e eficiente de tudo aquilo que for gerado no seio social, sempre tendo em vista o interesse do coletivo. (Garde, 2001 *apud* Marques, 2003, p. 225).

Demanda-se, portanto, a necessidade de promoção de novas alternativas públicas, com singularidades pautadas no gerenciamento adequado dos bens públicos, do crescimento sustentável e na busca por uma maior distribuição da riqueza. A administração pública insere-se nesse contexto como facilitadora da aplicação de práticas destinadas a superar os problemas vigentes e como instrumento de coerção na garantia dos direitos por uma sociedade mais justa e com menos riscos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se ressaltar que as manifestações sociais apesar de recorrentes são de certo modo, insuficientes frente os cenários formados. Atrelado a isso, o baixo entendimento nas relações sociais, sobretudo pelo aspecto capitalista, só aumentam a presença de ocasiões de risco na sociedade, o que por si só, já é sinônimo de preocupação e alerta mundial. Decorre, portanto, como situações futuras o surgimento de conflitos sobre a utilização e ausência de recursos naturais, o que provocará uma série de colapsos e situações atenuantes no convívio social.

Depreende-se que a sociedade repense sobre o modelo vigente, tendo como alerta as catástrofes já acontecidas e as emergentes de natureza financeira, social e ambiental. A implantação de um novo paradigma que responda aos questionamentos que permeiam o futuro da sociedade é, em tese, uma das saídas para a situação em risco que se vive. Entretanto, é pouco provável, portanto, que tal iniciativa seja executada de forma imediata, isso porque além do aspecto cultural e a grande resistência a mudanças, existem outros fatores que contribuem para a manutenção desse cenário. Nessa perspectiva, já é possível citar elementos como: Lixo, Poluição, Desigualdades Sociais, Exclusão, Conflitos Políticos, dentre outros como situações presentes que até então não há respostas exatas para resolução dessas problemáticas.

É notável que o "coração do império" está em crise, os detentores do monopólio capitalista perpassam por mutações que nos mais diversos entes não existem alternativas concretas, objetivas e satisfatórias. Depreende-se do cenário presente que apesar das transformações ocorridas a crise não assolou a parte periférica da sociedade, o que comprova

uma maior concentração de riqueza em uma pequena parte da população em detrimento de uma grande maioria com pouca renda.

Existem alternativas viáveis para diminuição dos riscos que assolam a sociedade, como: produção do ambiente maior que o consumo, o aumento líquido de estoque, reposicionamento da crença cultural sobre o crescimento e a utilização do uso primário de Energia e fontes renováveis ou lentamente renováveis, dentre outras soluções. São fatores que devem ser consolidados imediatamente, uma vez que a transformação do cenário vigente perpassa por essas ações, que em tese, são objetivas e eficazes.

Considerando essas variáveis têm-se como perspectivas futuras uma série de fenômenos que de certa maneira não há como se mensurar, dada à complexidade das relações sociais existentes. O que de fato pode-se observar são os acontecimentos, devido à presença constante de dados e informações sobre os feitos sociais, ambientais e políticos tenderão a criar situações onde até então não temos soluções concretas. Cabe a administração pública, diante desse novo desafio, criar alternativas destinadas a amenizar e modificar o panorama vigente, caso contrário, os fatores tenderão ao surgimento de novos aspectos atenuantes, indesejados e de fortes impactos na sociedade. É hora de repensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIO GARDE, Juan. Gestión Pública: consideraciones teóricas y operativas. Madrid: FIIAPP, 2001; In MARQUES, João Batista. *A gestão pública moderna e a credibilidade nas políticas públicas*. Brasília a. 40 n. 158 abr./jun. 2003. p. 221-225. Disponível em: http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/files/journals/2/articles/19821/public/19821-19822-1-PB.pdf. Acesso em 12 de Julho de 2012.

ANTONIO GARDE, Juan. *Gerencia y administración financiera*. Madrid: Instituto de Estudios Fiscales, 1996.

BOSCO, Estevão Mota Gomes Ribas. *Ulrick Beck: a teoria da sociedade de risco mundial* / Estevão Mota Gomes Ribas Bosco. Campinas, SP, 2011.

BECK, U., GIDDENS, A. e LASH, S. *Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the modern social order*. Cambridge: Polity Press,1994.

BECK, Ulrich . *A Reinvenção da Política*. In: GIDDENS, A., BECK, U. & LASH, S.: *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: UNESP.

CATANI, Afrânio Mendes. *O que é Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. La politique dans la société du risque. In : *Revue du MAUSS* 1/2001 (n**o** 17), p. 376-392, 2001.

MARTINS, Carlos Benedito. *O Que é Sociologia?* Brasiliense: 38ª ed., 1994.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde.* São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro: Abrasco. 1999.

OCDE. *Organisation for Economic Co-operation and Development.* Disponível em: <http://www.oecd.org/>. Acesso em: 26 de março de 2012.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. Gestão do setor público: estratégia e estrutura para um novo Estado. in: LEAL, Rogério Gesta. *A reforma do Estado e Administração Pública Gerencial*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 24.

SANTOS, Boaventura de Souza. O Estado do Mundo Segundo Três Interrogações. Inquérito Jornal de Letras. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/opiniao/bss/183pt.php. Acesso em: 26 de maio de 2012.

SUSTENTABILIDADE. O desafio da Sustentabilidade. Disponível em: http://sustentabilidade-reciclagem.blogspot.com.br/2010/06/o-desafio-da-sustentabilidade.html. Acesso em 13 de Julho de 2012.

TORMEY, Simon. *Anti-Capitalism*. One World Publications, 2004. p. 10

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais:* a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

WEBER, Max. *Ensaios de Sociologia*. Publicado pela Oxford University Press, 1946. Rio de Janeiro: Guanabara, 5ª Ed., 1963.